

O ensino do futebol para educação antirracista no componente curricular educação física: anos iniciais do ensino fundamental

Oswaldo Galdino dos Santos Júnior¹

Joselene Ferreira Mota²

Eduardo dos Santos Pereira³

Resumo:

Este estudo é um relato de experiência da relação universidade-escola do subprojeto “Práticas Corporais como Ações Humanas no Tempo e no Espaço”, do Programa Residência Pedagógica, que tem por objetivo articular as práticas corporais em diálogo com o exposto na Lei 11.645/08 com o conteúdo futebol no componente curricular Educação Física. Os referenciais teórico-metodológicos adotados foram a Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 2006), a abordagem Crítico-Superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992) e um quadro de teóricos da educação para relações étnico-raciais (ERER). Metodologicamente, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa-ação (THIOLENT, 1997). Constatou-se que a história da origem do futebol foi de exclusão para pessoas com cor de pele retinta e pobre, pois representava gostos e estilos de vida da elite. A tensão racial e de classe tornou o futebol popular. Conclui-se que aplicar a ERER nas aulas de Educação Física é indispensável, uma vez que as práticas corporais de matriz africana e indígena estão presentes no cotidiano. Portanto, os estudantes têm o direito de vivenciar e aprender sobre a história e cultura desses povos que participaram e participam ativamente da formação da identidade nacional.

Palavras-chave:

Educação Física. Educação para as Relações Étnico-Raciais. Futebol. Educação Básica.

Teaching football for anti-racist education in the physical education curriculum component: early years of elementary school

Abstract: The study is an experience report of the university-school relationship of the subproject “Bodily Practices as Human Actions in Time and Space” of the Pedagogical Residency Program, which

¹ Doutor em Educação (UFPA), professor da educação básica do estado do Pará. E-mail: osvaldo.junior@escola.seduc.pa.gov.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-1355-2449>

² Doutora em Dinâmicas Territoriais da Amazônia (UFPA), professora da Faculdade de Educação Física da UFPA. E-mail: joselenefmota@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0856-8907>

³ Graduando em Educação Física (UFPA), bolsista do Programa Residência Pedagógica. E-mail: eduardosantos160577@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0376-6251>

aims to articulate bodily practices in dialogue with what is set out in Law 11.645/08 with football content in the Physical Education curricular component. The theoretical-methodological references adopted were Historical-Critical Pedagogy (SAVIANI, 2006), the Critical-Overcoming approach (COLETIVO DE AUTORES, 1992) and a framework of education for ethnic-racial relations (ERER). Methodologically, this study is characterized as action research (THIOLLENT, 1997). It was found that the history of the origin of football was one of exclusion for people with dark and poor skin color, as it represented the tastes and lifestyles of the elite. Racial and class tension made football popular. It is concluded that applying ERER in Physical Education classes is essential, since African and indigenous bodily practices are present in everyday life. Therefore, students have the right to experience and learn about the history and culture of these people who participated and actively participate in the formation of national identity.

Keywords: Physical Education. Education for Ethnic-Racial Relations. Soccer. Basic Education.

1 Entrando em campo

Este relato de experiência parte de uma proposição da educação antirracista por meio do ensino do futebol no âmbito do Programa Residência Pedagógica⁴ (PRP) nas aulas do componente curricular Educação Física da E.E.E.F. Bento XV, no município de Belém-PA, da parceria institucional entre a Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Pará (FEF/UFPA) e a Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC-PA) no período de novembro de 2022 a abril de 2024.

De acordo com Gomes (2017), o Movimento Negro teve participação fundamental na defesa dois ideais universalistas de educação para todos e conseguiu incluir na política educacional a discussão ético-racial na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB Lei 9.394/96) com a inclusão dos artigos 26-A e 79-B pela Lei 10.639/03 e tornando obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas dos ensinos fundamental e médio. Regulamentada pelo Parecer CNE/CP 03/2004 e pela Resolução CNE/CP 01/2004, essa lei foi novamente alterada pela Lei 11.645/08, com a inclusão da temática indígena.

Embora seja lei, apenas 17% das escolas do país⁵ enegrecem seus currículos integrando o conhecimento das várias componentes curriculares ao ensino de história e cultura afro-brasileira. Pensando em fortalecer a implementação dessa legislação é que surgem pesquisas as quais promovem a educação antirracista. De acordo com Bazzi, Valmdolf e Carvalho (2020), as representações do negro na sociedade brasileira adentram a escola como um ser de cultura, traços e feições inferiorizadas e subalternizadas. Os autores supracitados construíram uma tirinha (quadrilho) para estudantes do ensino médio, a qual tenciona a desigualdade racial no intuito de refletir a materialidade da educação antirracista na educação básica do Instituto Federal do Mato do Grosso (IFMT).

Já estudos de Almeida e Oliveira (2020) percebem que o racismo é assunto relevante

⁴ O referido programa tem como subprojeto da Educação Física “As Práticas Corporais como Ações Humanas no Tempo e no Espaço”, o qual visa repensar as práticas corporais com ênfase na temática étnico-racial, tendo como sustentação a Lei 11.645/08.

⁵ Disponível em: <https://www.africas.com.br/noticia/ensino-da-cultura-afro- apenas-17-das-escolas-cumpriramlei#:~:text=Minist%C3%A9rio%20da%20Igualdade%20Racial%20Ampliar%C3%A1,h%C3%A1%20mais%20de%2021%20anos>. Acesso em: 06 nov. 2024.

e delicado para tratar em sala de aula, por isso, analisaram a percepção dos professores do 7º ano do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sobre o assunto. Constataram que os docentes, em sua totalidade, percebem as múltiplas faces do racismo pelo qual negros e negras sofrem na vida social e escolar.

Portanto, discutir a educação para relações étnico-raciais (ERER) é tarefa da educação. Logo, os conteúdos de ensino da Educação Física no plano da cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992) ao longo de seu processo e desenvolvimento histórico sendo permeado por questões de gênero, racismo, eugenia, ética, dentre outros, isso porque são temas da vida social e permeiam o saber humano. Importante perceber o quanto o racismo segrega, fragmenta e desumaniza. Portanto, desenvolver uma educação antirracista é sensibilizar a humanidade a respeitar a diversidade de raça, credo e cultura.

Assim, foi pensando em desenvolver possibilidades pedagógicas para a educação antirracista nas aulas de Educação Física que o conteúdo esporte, mais precisamente o sub-conteúdo futebol, foi abordado nos anos iniciais do ensino fundamental objetivando sensibilizar os estudantes para o desenvolvimento do pensamento crítico e emancipado, por meio da história do futebol no mundo e no Brasil, ressaltando como a questão da raça, muitas vezes, foi impeditiva para pessoas de cor de pele retinta o praticarem.

Vale lembrar que a elite brasileira tenta apagar a lembrança do afro-brasileiro, a horripilante etapa histórica do escravismo. Segundo Nascimento (1980), isso aliviaria a consciência de culpa dos descendentes escravocratas e apagaria a identidade negra no Brasil, acabaria a origem de sua religião de berço e de cultura, desse modo, apagaria a personalidade africana e o orgulho que lhe é inerente.

Já o indígena Krenak (2019) explicita a forma depredatória que o capital global acaba com a humanidade, natureza e almeja uma abstração da civilização que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existências e hábito, na medida em que uniformiza a maneira de viver, inclusive colocando a mesma língua para todo mundo. Portanto, dialogando com o autor supracitado vale a pena adiar o fim dos tempos para se contar mais uma história, e desta vez a história para educação antirracista no futebol.

A gênese dos mais variados esportes, que hoje são praticados mais ou menos de maneira idêntica por todo o mundo, teve origem na Inglaterra, e propagaram-se para outros países a partir da segunda metade do século XIX (ELIAS; DUNNING, 2019). O esporte torna-se hegemônico e, no Século XX configura-se como o “esporte das multidões” (GIULIANOTTI, 2002).

Segundo Bourdieu (1983), o esporte definia os gostos de classe e estilos de vida da classe burguesa, na medida em que representava preferências distintas de classe. De acordo com Franco Júnior (2007), o futebol paralelamente ao esporte ecoou as tradições, costumes e cultura da Grã-Bretanha. Dessa forma, a relação que a elite inglesa mantinha com o futebol (gostos de classe e estilos de vida) foi a mesma que as elites estabeleceram nos vários territórios em que o referido esporte se proliferou (LOPES, 2004). Logo, a distinção social no Brasil foi potencializada com a história do país da escravização de mão de obra negra e indígena, por isso, afrodescendente e indígena eram excluídos da prática do futebol.

A literatura do futebol no Brasil retrata três grandes núcleos expositivos que se integram. O primeiro, é que um refinado esporte chamado *Football Association* vindo da Inglaterra teria chegado por Charles Miller, ao retornar de seus estudos teria trazido bolas, regras, conhecimentos e chuteiras. Vale lembrar que só as elites brancas e aristocráticas tinham acesso ao esporte, portanto, o futebol no seu início era seletivo e racista, na medida em que pessoas não brancas e da classe trabalhadora eram excluídas (SOARES, 1998).

O segundo núcleo expositivo diz respeito ao processo de luta e reivindicação dos “excluídos” da prática do futebol para apropriação enquanto um bem cultural. Desse modo, foi nos arredores das fábricas têxteis, nos campos de várzea ou nos terrenos baldios que a população negra teve acesso ao futebol. Contudo, esse estilo de jogar renegado dos negros e da classe trabalhadora não tardaria a chegar aos centros urbanos e inevitável seria a exclusão da população brasileira, sendo, em sua grande maioria, composta por pessoas de pele retinta. De acordo com Soares e Lovisolo (2003), a construção do estilo de jogar do brasileiro compõe os elementos das habilidades individuais, improvisação, arranjos de produzir jogadas inesperadas e criativas.

Por fim, o terceiro núcleo expositivo conta as aventuras e desventuras do negro no futebol. As conquistas, façanhas e reações racistas, as derrotas e as vitórias sobre o racismo, até o triunfo final do negro na invenção e valorização do estilo brasileiro.

O racismo é uma tragédia na história da humanidade. Essa atrocidade que acometeu e perpetua-se nos dias de hoje precisa ser combatida, por isso, a educação antirracista é fundamental. Desse modo, temos acordo com Pinheiro (2023) ao afirmar: ou a educação é antirracista, ou não se tem educação. É com esse intuito que este relato de experiência narra a experiência do combate ao racismo nas aulas de Educação Física com estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental com o conteúdo Futebol.

O desenvolvimento desta experiência que se tornou estudo, se desdobrou em quatro seções, divididas em introdução (Entrando em campo), metodologia (As técnicas do jogo), resultados (Fundamentos e táticas do jogo) e considerações finais (Fim de jogo).

2 As técnicas do jogo: percurso metodológico

Adotou-se, metodologicamente, a pesquisa-ação caracterizada por ser um tipo de pesquisa social com base empírica concebida e realizada com uma ação ou resolução de um problema, cujos pesquisadores e participantes da situação ou do problema estão envolvidos de maneira cooperativa ou participativa (THIOLLENT, 1997).

Assim, a ação foi desenvolvida pelo professor preceptor, a coordenadora do RP e cinco residentes da FEF/UFPA na E.E.E.F. Bento XV, localizada na periferia do município de Belém-PA, com turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

Utilizando dos referenciais teórico-metodológicos adotados para o desenvolvimento do subprojeto, os quais versam sobre os fundamentos e princípios da Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 2006) e da abordagem Crítico-Superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992), por entender que ambas apontam para aquisição de um pensamento crítico e emancipador da realidade concreta, qualifica o processo de ensino-aprendizagem, tanto no planejamento quanto na materialização das aulas.

As aulas foram estruturadas em cinco passos pedagógicos:

I. Prática social inicial: análise da realidade, sondando o conhecimento prévio dos alunos a respeito do tema, partindo de seus conhecimentos e experiências cotidianas. De acordo com Saviani (2006), professor e aluno são agentes diferenciados de compreensão (conhecimento e experiência), na medida em que a compreensão do professor é sintética, ou seja, refinada e/ou sistematizada. No entanto, ela torna-se precária porque ele não é capaz de anteciper o nível de compreensão dos alunos sobre a temática/tema da aula. Por outro lado, a compreensão dos alunos é sincrética, confusa e caótica, pois por mais conhecimento e experiência que tenham, sua condição de aluno impossibilita a articulação e nexos com a

prática pedagógica;

II. Problemática: definida como “[...] a identificação dos principais problemas postos pela prática social (SAVIANI, 2006, p. 71), geralmente provocada com uma pergunta de cunho científico que incite o aluno a construir respostas elaboradas a partir do domínio de elementos de aspectos históricos, culturais, políticos, econômicos, técnicos e outros demarcados na prática social;

III. Instrumentalização: refere-se ao momento no ensino em que acontece a apropriação cultural das camadas populares necessárias à luta de classe, ou seja, nesse momento a assimilação e apropriação de instrumentos práticos e teóricos no sentido de articular resposta aos problemas da prática social inicial;

IV. Catarse: elevação do pensamento, isto é, a incorporação efetiva dos instrumentos de base teórica e/ou prática, tratando-se agora de transformar a realidade social de forma consciente e articulada;

V. Prática social final: o ponto de chegada é a própria prática social. Porém, não mais compreendida em termos sincréticos pelos alunos, mas como um todo articulado e justificado pelos nexos de muitas determinações.

Esses passos metodológicos configuram-se como momentos articuladores e independentes, os quais orientam o trabalho pedagógico. Cabe ressaltar que tais momentos não se apresentam de forma estanque e definitiva em aula ou ação específica, mas se desenvolvem de forma simultânea, provocando avanços significativos e qualitativos a cada etapa de intervenção pedagógica planejada.

3 Fundamentos e táticas do jogo: resultados

A SEDUC-PA divide o ensino fundamental I em ciclos de aprendizagem. O 1º, 2º e 3º anos compõem o I ciclo; já o 4º e 5º anos, o II ciclo. Levando em consideração que a atividade-guia do I ciclo são os jogos de papéis sociais (COLETIVO DE AUTORES, 1992), optamos em concentrar a educação antirracista por meio de jogos e brincadeiras africanas e indígenas. O período de intervenção foi o 4º bimestre (novembro/dezembro) do ano letivo de 2022, totalizando um quantitativo de nove aulas, período que vivíamos o contexto da Copa do Mundo de Futebol do Catar.

Nossa proposta, cujo objetivo foi reconhecer a relevância dos países africanos no contexto da Copa do Mundo de Futebol, foi realizada com uma turma do 1º e outra do 2º ano dos anos iniciais do ensino fundamental, tendo como suporte teórico-metodológico a Pedagogia Histórico-Crítica e a abordagem Crítico-Superadora. A sistematização do conhecimento aconteceu por meio de cinco passos pedagógicos: prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final.

Assim, o primeiro passo – prática social inicial – realizou uma roda de conversa, buscando sondar o conhecimento prévio dos alunos sobre os países africanos que estavam participando da copa do mundo de futebol no Catar. Na ocasião, pouco se evidenciou na fala dos estudantes a contribuição da África para o futebol. E nem se quer as contribuições das práticas corporais e de lazer da África para o contexto brasileiro. Para eles, no geral, sempre o negro participou da prática do futebol e desconheciam totalmente os jogos e brincadeiras africanas.

O segundo passo – problematização – partimos das seguintes perguntas: quais são os países africanos? Quais desses países conhecem as bandeiras? Quais países da África estão na

Copa do Mundo do Catar? Qual país africano está na semifinal? Responderam que Gana, África do Sul e Quênia são países do continente Africano. As bandeiras foram mostradas e reconheceram países como: Tunísia, Marrocos e Camarões. Além disso, responderam que foi Marrocos que se classificou para a semifinal.

Na instrumentalização – terceiro passo – discutimos que o jogo do futebol na sua origem não era praticado por pessoas pretas e pobres, mas apenas pela elite branca e rica. Contudo, ao longo do desenvolvimento histórico de tensão racial e de classe foi possível que pessoas não brancas viessem participar de uma partida de futebol. No Brasil, pessoas de cor de pele retinta construíram uma estética de jogar bem peculiar, que já tinham em seu repertório corporal o samba e a capoeira.

Desse modo, o futebol passou a ser visto como um espaço de sintetização da cultura nacional com mistura das raças e de classes antagônicas e de tradições culturais que diferenciavam o Brasil de outras tradições (FREYRE, 1981). Então, a intervenção com o I ciclo se deu por meio do “jogo da memória” com a bandeira de cada país, ressaltando a relevância dos países africanos e de sua diáspora (nesse jogo colocamos apenas o Brasil) que estavam participando da Copa do Catar.

Na ocasião, ressaltaram-se as bandeiras, tradições, costumes, povos, rituais, jogos e brincadeiras característicos de cada país africano. Não reproduzimos o racismo de olhar a África apenas por conta de sua flora e fauna, mas a contribuição dos povos africanos e seus intelectuais para o desenvolvimento da humanidade.

Figura 1 - Jogo da Memória com países africanos e sua diáspora (Brasil).



Fonte: Elaborado pelos autores.

O quarto passo – catarse – os alunos foram divididos em dois grupos e pensaram em outras possibilidades de jogos envolvendo as bandeiras. Por fim, o último passo – prática social final – os alunos conseguiram perceber quais conhecimentos foram apreendidos e assimilados sobre os países e jogos africanos. Assim, estabeleceram associação com as bandeiras e encontraram relações de brincadeiras e jogos do continente africano com as do contexto brasileiro. Toda essa dinâmica descrita aconteceu em uma única aula de cada turma, as demais (totalizando oito aulas) foram sobre jogos e brincadeiras africanos.

Para o II ciclo a atividade-guia perpassa pelo estudo (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Esclarecemos que era perceptível durante o recreio o interesse dos estudantes pelas figurinhas do Álbum da Copa do Mundo de Futebol, os quais trocavam entre si as que eram repetidas, apostando-as por meio do “bafão”⁶. A sequência didática descrita foi desenvolvida no 4º bimestre (novembro/dezembro) do ano letivo de 2022 para duas turmas do 5º ano, um quantitativo de nove aulas. Partimos do seguinte objetivo geral: sensibilizar a necessidade de conhecimento e posicionamento sobre raça e etnia.

⁶ Consiste no deslocamento de ar provocado pelo impacto das mãos no momento da batida no chão onde se encontram as figurinhas empilhadas ou não uma sobre a outra. Caso consiga virar a figurinha com o deslocamento do ar, o aluno vence o jogo e fica com ela.

Para a primeira aula, observando tais atitudes, materializamos a prática social inicial com um diálogo sobre alguns conceitos: raça, miscigenação e racismo, ressaltando o contexto histórico e atual. Para tanto, aproveitamos o interesse dos alunos nas figurinhas e álbum da Copa do Mundo para introduzi-los ao conteúdo futebol. A ideia inicial foi perceber suas curiosidades e conhecimentos sobre a origem do futebol, os casos de racismo e o que compreendiam sobre questões étnico-raciais.

Na problematização, indagamos as seguintes questões: O que é raça? O que é etnia? O que é racismo? Qual a importância de saber seus conceitos? Quais exemplos temos a seguir mediante este assunto? Que atitudes tomar para combatê-los? Esse diálogo foi realizado em sala de aula, em que as respostas foram as mais variadas, a saber: “raça são cores de pessoas que são diferentes” ou “é cor da pele”; “racismo é uma pessoa branca que diz que a outra é preta” ou “é uma pessoa que fala que tu és preta e ninguém gosta de ti” e ainda “quem não gosta de pessoas negras com tom de pele mais escura”. Quanto às atitudes para combater o racismo, eis: “Ah! Para com isso todo mundo é igual ninguém tem que se achar melhor” e, ainda, “para a gente não ser preso”.

A seguir, o momento da instrumentalização deu-se com aulas expositivas e teve o propósito de fazer um paralelo do que os alunos apresentaram e o conhecimento sistematizado e elaborado. Dessa forma, esse momento nos permitiu abordar a questão da raça e percebemos com estudos de pesquisadores negros, negras e indígenas (PINHEIRO, 2023; KRENAK, 2019; GOMES, 2017; ALMEIDA, 2018) que pessoas brancas não são racializadas, por mais que a branquitude tenha criado o conceito de raça, elas se colocam como ser genérico e universal. Para citar Bento (2022) a branquitude tem um pacto que mantém seus privilégios, logo racializados são os outros.

De acordo com Pinheiro (2023), debatemos o conceito de raça, o qual surgiu na modernidade europeia como marcador de hierarquização humana e possibilitou classificar e categorizar as pessoas do ponto de vista estético. Assim, quanto mais retinta a cor da pele, mais racismo a pessoa sofre. Para entendermos o conceito de racismo fizemos uso de Almeida (2018, p. 25), o qual para o autor supracitado:

[...] racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam com desvantagem ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem.

Assim, uma educação antirracista ressignifica e politiza a ideia de raça, entendendo-a como potência de emancipação, até porque, com o desenvolvimento da ciência e de pesquisas genéticas (genoma humano), foi possível constatar que não existe raça, tendo em vista que apenas 0,02% dos genes humanos mantêm características estéticas. Ao politizar o conceito de raça, uma educação antirracista desvela a sua construção histórica nas relações de poder rompendo com visões distorcidas, negativas e naturalizadas sobre os negros, indígenas, suas histórias, práticas e conhecimentos; retira essas populações do lugar de inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta a raça como construção social (GOMES, 2017; PINHEIRO, 2023).

Na segunda aula, foi explicitado que faríamos o nosso próprio álbum da Copa, denominado de “Bentinho”, em homenagem ao nome da escola. O objetivo era preencher o álbum com figurinhas de atletas da seleção brasileira, mas também pesquisar o início da carreira dos jogadores, suas situações socioeconômicas antes da fama, como os mesmos se

identificavam em relação às questões étnico-raciais, se possuíam projetos sociais e quais clubes que atuavam no ano de 2022.

Um residente ficou responsável por construir o álbum e as figurinhas. Os demais fizeram o sorteio entre os alunos para que soubessem com quais atletas da seleção brasileira ficariam responsáveis em desenvolver a pesquisa e obter as informações. Depois disso, dividimos a turma em cinco grupos, onde cada residente ficou acompanhando um grupo sob supervisão do professor preceptor para a realização da pesquisa que aconteceu no celular, computador e *netebook*.

Na aula seguinte (terceira aula), os alunos continuaram as pesquisas sob orientação dos residentes e do professor preceptor. Nas três aulas subsequentes (quarta, quinta e sexta), os estudantes expuseram o resultado de suas pesquisas. O relato foi significativo e correlacionado com os estudos antirracistas. Eis algumas falas: a aluna que pesquisou sobre Neymar ressaltou a identificação do atleta quanto pessoa negra, filho de negro, neto e bisneto de negro e do orgulho por isso não se vendo diferente de ninguém; outra estudante, trouxe as palavras de Vini Júnior o qual disse usar a dança ao comemorar o gol para resistir aos ataques racistas sofrido na Europa; além dessas, outras questões foram compartilhadas. Cada aluno que lia sua pesquisa colava a figurinha no álbum Bentinho.

Figura 2 - Álbum de Futebol da Copa Bento XV.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Na sétima e oitava aula, as turmas vivenciaram um jogo indígena chamado Jikunahati, que consiste em um futebol de cabeça originado na etnia Paresi, do estado do Mato Grosso. Pereira (2021) descreve que o objetivo do jogo é impulsionar a bola até a linha adversária utilizando golpes de cabeça, caracterizando ponto, ou também quando o adversário erra a devolução, estas possibilidades reconstróem não só a forma de jogar, mas também o sistema de pontuação, que se afastam dos tradicionais.

Figura 3 - Jikunahati.



Fonte: Elaborado pelos autores.

O planejamento dos momentos de instrumentalização do “futebol de cabeça” levou em consideração seu aspecto histórico, enfatizando-o como fenômeno que exalta a forma de ser, estar e ver o mundo dos povos indígenas. Pôde-se alcançar um salto qualitativo e significativo por parte dos alunos, cuja conscientização e apreensão do conhecimento se deram

de forma humanizada, afastando-se do preconceito racial e da estigmatização de cor, raça e etnia.

O momento da catarse se deu com a apresentação das pesquisas dos alunos, mostrando o que apreenderam dos levantamentos feitos a respeito da vida dos jogadores da seleção brasileira que se autodeclaravam negros, em forma de debate e demonstração das imagens, figuras, ilustrações. Seus relatos enfatizam o quanto foi divertido aprender e conhecer um pouco mais sobre os jogadores e da cultura negra e indígena.

Na última aula (nona), foi reservada a prática social final, fizemos rodas de conversas com as turmas, onde foi possível perceber, pelos relatos dos alunos, os conhecimentos adquiridos e assimilados sobre raça e etnia. Logo, seus desdobramentos a respeito de jogos e brincadeiras indígenas e africanas – pela modalidade esportiva institucionalizada – abriu caminho para as vivências de jogos que se aproximavam a caracterização estética e de regras do futebol de campo.

4 Fim de jogo: considerações finais

Conclui-se que aplicar a educação para as relações étnico-racial nas aulas de Educação Física é indispensável, uma vez que as práticas corporais de matriz africana e indígena se fazem presentes no cotidiano, mas não são reconhecidas e nem valorizadas pela sociedade atual. Portanto, os estudantes têm o direito de vivenciar e aprender sobre a história e cultura desses povos, pois participaram e participam ativamente da formação da identidade nacional brasileira.

Por meio da educação antirracista, torna-se possível a reparação histórica e a exaltação dos povos africanos e indígenas os quais nos originaram e influenciam nossa forma de viver, ser e estar no mundo, porém entende-se que este movimento deve ser contínuo e estar presente no espaço escolar durante todo o processo formativo e não apenas em datas alusivas como o abril indígena e o dia da consciência negra.

Referências

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALMEIRA, Eduarda Soares de; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Analisando as percepções de professores sobre o racismo na educação. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 1-11, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/105415>. Acesso em: 25 out. 2024.

BAZZI, Fabiane Vitoria; VALMDOLF, Maria Júlia Cesco; CARVALHO, Renata de Oliveira. A educação antirracista: vivências e percepções de duas estudantes do IFMT. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 1-06, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/105421/0>. Acesso em: 25 out. 2024.

BENTO, Cida. **Pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. *In*: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 82-121.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A dinâmica dos grupos desportivos: uma referência especial ao futebol. *In*: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**: desporto e lazer no processo civilizacional. Lisboa: Edições 70, 2019. p. 279-297.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Dança dos deuses**: futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1981.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. *In*: BATALHA, Claudio; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (org.). **Culturas de Classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Unicamp, 2004. p. 121-163.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 38. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 129-143, set. 2003. Disponível em: <http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/180> Acesso em: 14 set. 2024.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

Contribuições da autoria

Oswaldo Galdino dos Santos Júnior: Organização, Conceitualização, Revisão de Literatura, Investigação e Interpretação e Análise de Dados .

Joselene Ferreira Mota: Supervisão/Orientação, Redação, Interpretação e Análise de Dados.

Eduardo dos Santos Pereira: Investigação e Metodologia.

Data de submissão: 15/09/2024

Data de aceite: 18/11/2024